

RESENHAS

CÍRCULOS DE LEITURA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

CÍRCULOS DE LEITURA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

CÍRCULOS DE LEITURA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Rafael Mota¹

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021. 128 p.

Observando as práticas de leitura na escola não é raro que nos deparemos com dois tipos de atividades: ler para compreender o sentido de um texto e ler para o desenvolvimento de habilidades que serão cobradas em avaliações externas. Ao lançarmos essa mesma observação para a didática da literatura, percebemos, com raríssimas exceções, uma prática pedagógica que vê o texto literário como um instrumento para ensino e avaliação diversos. Sem desmerecer os propósitos por trás de cada uma dessas ações, podemos nos atentar para uma prática de leitura que desconsidera contextos e individualidades dos estudantes, minando o desenvolvimento do letramento e o gosto pela leitura.

É com o intuito de se repensar essas práticas que Rildo Cosson, atualmente professor colaborador da Universidade Federal da Paraíba, publica este livro. Lançado em 2021, a obra é um detalhamento de publicação anterior, *Círculos de leitura e letramento literário*, lançado em 2014. Em suas 128 páginas, o livro traz sugestões para a inclusão de círculos de leitura em práticas de ensino de literatura no Ensino Fundamental, propondo ao professor um trabalho sistemático e prazeroso com o texto literário, com vistas ao que o autor denomina de *letramento literário*.

Aquele que já entrou em contato com outras obras de Cosson sabe que o autor é destaque no país sobre o ensino de literatura na educação básica, principalmente porque defende a leitura do texto literário como uma *prática de letramento*. É nessa direção que o livro é desenvolvido, ao trazer uma proposta de letramento literário a partir da realização de círculos de leitura. Tal proposta, na ótica do autor, articula a introdução do texto literário na escola com a sistematização do círculo desde os primeiros anos da escolarização. Como se pode observar, o tratamento didático do texto literário exige planejamento e organização, mas sem perder de vista o caráter dialógico que deve perpassar o trabalho com a literatura em qualquer contexto, seja ele escolar ou não.

O livro é escrito em capítulos curtos, usando uma linguagem objetiva e amigável, como se o autor estivesse conversando informalmente com o leitor (neste caso, o professor da educação básica). A obra é dividida em dois momentos: uma breve discussão sobre a concepção de leitura que norteia a realização do círculo de leitura e, no segundo momento, a apresentação de diferentes sugestões para a realização da atividade. Ao propor pouco espaço para o primeiro momento (15 páginas escritas!), o autor cumpre o que deseja mostrar ao leitor: um conjunto de práticas para dinamizar o círculo de leitura.

Os três primeiros capítulos do volume têm dupla missão: contextualizar o nascimento da obra e apresentar o conceito de leitura que embasa a realização dos círculos. Esse momento do texto é importante porque situa o leitor sobre por que ver o texto literário de forma diferente na escola – uma forma que concebe a leitura como um *processo de diálogo*, ou seja, “que se faz com o passado, representado pelos textos, em um contexto socialmente determinado, que é a nossa comunidade de leitores que nos diz o que ler, como ler e por que ler” (p. 15). A visão dialógica de leitura aqui

¹ Universidade Estadual de Campinas.

assumida requer considerar todos os elementos que se envolvem nesse diálogo: o leitor, o texto, o autor e o contexto, que não podem ser ignorados no trabalho com a leitura. Eis o momento mais importante do primeiro segmento do livro. É a partir dessa abordagem da leitura enquanto diálogo que se abrem as possibilidades de se compreender o *quê* e *por que* do círculo de leitura.

A segunda parte do livro se volta para a descrição e dinamização dos círculos de leitura. É importante mostrar aqui a definição de Cosson para o círculo de leitura. Para tal, reproduzo duas citações em que o autor define a expressão, em duas acepções diferentes. Numa acepção mais pedagógica, o autor define o círculo de leitura como “uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido anteriormente” (p. 9). Numa acepção mais prática, o círculo de leitura “é a reunião de um grupo de pessoas para discutir um texto, para compartilhar a leitura de forma mais ou menos sistemática” (p. 29).

Ganha destaque em ambas as definições o uso do verbo “compartilhar”, termo chave nas reflexões de Cosson sobre ensino de literatura, pois aqui se observa a prática de leitura como troca, que se desenvolve de forma coletiva, e não de forma individual. Enquanto atividade pedagógica, o círculo de leitura tem o potencial de levar os estudantes a mobilizar e sistematizar conceitos, saberes e atitudes, o que é fundamental para a prática de leitura na sala de aula. O que o círculo de leitura busca provocar é um redimensionamento da prática da leitura em sala de aula, fugindo das perguntas óbvias, dos sentidos prontos e das questões que são irrelevantes para um compartilhamento de impressões, experiências e aspectos que são particulares a cada um, num processo dialógico que não só inclui as individualidades como também estreita o contato do estudante com o texto literário num nível mais profundo para a sua formação.

Essa definição do círculo de leitura é seguida nos capítulos seguintes por aquilo que autor chama de passo a passo. Embora não tenha o propósito de transformar o livro em um receituário para o professor, o volume se propõe a se transformar num instrumento de orientação: o que se vê depois dessa discussão inicial é uma sequência de etapas e justificativas para a realização do círculo. Aqui o autor lança mão de muitas informações numa tentativa de assegurar ao professor a boa realização da atividade a partir das etapas de *modelagem* (preparação dos alunos para o círculo), *prática* (realização do círculo) e *avaliação* (finalização do círculo). Tais etapas, sugere o autor, não pretendem ser estanques na atividade de compartilhamento, mas apenas um leme para aquilo que ocorrerá durante a atividade. Confesso o meu receio com a definição de momentos específicos no desenvolvimento de uma atividade para o professor, pois aqui, caso a proposta seja a de permitir a troca de experiências de leitura, traduzir o círculo de leitura como etapas a serem cumpridas, corre-se o risco de transformar tal experiência de troca, de diálogo, em mais uma atividade cristalizada ou enfadonha de perguntas e respostas.

Na sequência a obra descreve um conjunto de etapas e fases para a realização da segunda etapa do círculo de leitura – a prática –, que vão desde a seleção das obras a serem lidas até a realização do encontro final, totalizando assim seis fases. Destaca-se nesse percurso a autonomia e protagonismo do aluno durante o processo de leitura da obra, o que se faz presente através de uma intensa mobilização como a escolha do livro, agendamento dos encontros, registros, discussões etc. Concordamos com o autor quando pontua que, ao se tornar o sujeito de sua aprendizagem, o aluno a ressignifica, transformando a sua experiência educativa. Assim, ao tecer comentários sobre um trecho de uma obra lida, por exemplo, o aluno não só desenvolve o seu senso estético, como também aprende a ouvir, a respeitar o outro com sua experiência, a vivenciar o que de melhor a obra literária tem a proporcionar.

A organização do livro falha na apresentação das etapas, pois primeiro se apresenta a etapa *prática* para, em seguida, apresentar a etapa *modelagem* e, em seguida, a etapa *avaliação*. O ponto-chave da etapa de modelagem é o ensaio. Cosson reitera que esse primeiro momento do círculo tem como objetivo fazer com que o aluno “aguce suas capacidades de

observação e metacognitivas voltadas a entender o ‘como se faz’ e ‘por que se faz’” (p. 65). Por isso, são bem comuns, durante a primeira etapa, atividades de demonstração. Demonstra-se a leitura a ser feita em casa, a discussão em grupo, a maneira de avaliar, os registros etc. Tudo aqui deve ser demonstrado (“encenado”, nas palavras do autor) para que o aluno entenda o funcionamento do círculo de leitura.

Destaque também no livro para os exemplos dos chamados *cartões de função* e das perguntas sobre o texto. O primeiro faz referência às funções que cada integrante dos grupos assume durante a realização do círculo. Cosson propõe algumas funções, como a do coordenador, secretário, registrador, porta-voz etc., como forma de criar a autonomia e o senso de responsabilidade dos alunos durante a vigência do círculo de leitura. Já no final do livro o autor garante um capítulo inteiro para discutir a importância dos cartões de função e apresenta alguns modelos a serem utilizados pelo professor. Já as perguntas sobre o texto cumprem a função de direcionar a discussão e não devem ser tomadas como perguntas a serem obrigatoriamente respondidas.

A última etapa do círculo é a *avaliação*. Aqui Cosson acerta ao propor uma prática avaliativa partindo do pressuposto de que o mais importante nesta etapa seja a “efetivação da leitura literária”. Com isso, os procedimentos avaliativos não se dão ao final do processo, mas *durante o processo*, a partir da observação das discussões, das produções efetivadas durante os círculos, além da autoavaliação, quando possível. A proposta de avaliação do círculo de leitura foge do caráter somativo da avaliação e incentiva a prática da avaliação formativa, indispensável para o processo de aprendizagem e para a formação do leitor literário, objetivo maior do círculo de leitura. Ganha destaque, ainda dentro desta etapa, um conjunto de possibilidades de como avaliar formativamente os estudantes durante a realização do círculo, o que enriquece sobremaneira a experiência do estudante. A aprendizagem aqui é significativa.

O último capítulo do texto, intitulado “Fora da sala de aula: os círculos de leitura na escola”, Cosson nos apresenta, ainda que de forma breve, possibilidades de realização dos círculos de leitura em outros espaços e momentos escolares que não só o da sala de aula. Aqui, vemos o autor propondo a realização de círculos de leitura durante a reunião de pais, por exemplo, no intuito de aproximar para a prática do letramento literário, que começa em casa. Como sabemos, a leitura do mundo, para trazer aqui um termo freireano, precede a escola, isto é, o contato com a leitura pela criança tem sua gênese no lar, com pais lendo para seus filhos e filhos observando a leitura de seus pais. Nessa perspectiva, Cosson abre os caminhos para a discussão de como a família pode contribuir no processo de letramento de seus filhos, partindo da vivência de responsáveis em círculos de leitura proporcionados pela e na escola.

Por fim, o livro de Rildo Cosson cumpre o que ele se compromete a fazer: aprofunda e detalha uma questão que nos é muito cara quando falamos em educação: o *como fazer*. O livro, apesar de alguns pontos que mereceriam um maior detalhamento e cuidado, se dirige àquele professor que se encontra desafiado a desenvolver em sua sala de aula situações significativas de trabalho com o texto literário. Fugindo das fórmulas prontas, das oficinas descontextualizadas e de propostas tradicionais transfiguradas de inovadoras, o trabalho com os círculos de leitura pode ser muito promissor se o professor apreender a proposta em sua profundidade e realizá-la sem se preocupar em demasia com os possíveis caminhos a que um círculo pode trilhar. O trabalho com a literatura na escola pode (e deve) ser sistematizado e auxilia na construção das experiências de troca que possibilitam a construção de cidadãos críticos, conscientes e dispostos a transformar a realidade onde vivem.

Sobre o autor

Rafael Mota: Licenciado em Português (Universidade Estadual Vale do Acaraú), tem Mestrado em Linguística (Universidade Federal do Ceará). É doutorando em Linguística Aplicada (Universidade Estadual de Campinas). Tem experiência na área de formação de professores, ensino de língua materna e letramentos.

E-mail: orafael.mota@gmail.com.